

# DIÁLOGOS, INTERAÇÕES E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO NO GRUPO DE FACEBOOK DA ESPECIALIZAÇÃO ÁFRICA EM ARTE-EDUCAÇÃO

Nicolas Andres Gualtieri

Universidade Federal de Goiás, Brasil/Argentina

nicoagualtieri@gmail.com

## RESUMO

A observação como ferramenta, tanto antropológica, quanto da cultura visual, nos permite determinar como as pessoas interagem no espaço virtual e como isso reflete no espaço físico do cotidiano. Particularmente, nesta pesquisa e a partir da observação das interações no espaço virtual do grupo de Facebook dos alunos do curso de especialização África em Arte-Educação: construção de objetos pedagógicos, são determinados os potenciais participantes de entrevista para avaliar os materiais didáticos produzidos para o curso. Ao mesmo tempo, por meio do recurso das imagens e das interações em postagens, criação de narrativas e *avatars*, pretende-se conhecer o perfil dos alunos. Tudo isso, no contexto da produção de materiais didáticos audiovisuais produzidos no Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás (CIAR).

Palavras-chave: Etnografia digital, Cultura Visual, Facebook.

## 1. INTRODUÇÃO

Resulta-me sempre complexo tomar um posicionamento como pesquisador sob a perspectiva antropológica por não pertencer à referida área. Contudo, considero positivo também a observação das interações das pessoas no contexto digital sob a perspectiva da cultura visual. Portanto, retomarei alguns conceitos da antropologia digital e visual para tentar contribuir, da melhor maneira possível, com a construção da minha pesquisa de mestrado.

As investigações, que têm como foco a cultura visual, tentam “compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (MARTINS, 2007, p.26) e como elas se vinculam na nossa cotidianidade na chamada “civilização das imagens”. A pesquisa que este artigo apresenta, e que eu estou desenvolvendo ao longo do mestrado<sup>1</sup>, propõe analisar a relação dos artefatos imagéticos desenvolvidos para Educação à Distância no contexto do Centro Integrado de Aprendizagem em Redes da Universidade Federal de Goiás, com o cotidiano dos alunos que participam dos cursos, entendendo que “A pesquisa na cultura visual buscaria elucidar questões afetas ao uso, interação, criação e demais relações com as imagens visuais [...] em função da ampliação do entendimento dos contextos a que estão ligadas.” (VICTORIO FILHO; CORREIA, 2013, p.51)

Os objetos de estudo e produção da cultura visual incluem, não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas também modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os objetos visuais são usados e entendidos. Nesse sentido, são as tecnologias que encontram sempre, novas maneiras de construir ilusões da imaterialidade por mérito dos estímulos imagéticos (MILLER; HORST, 2015).

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Contextualizando

O Centro Integrado de Aprendizagem em Redes da Universidade Federal de Goiás (doravante CIAR-UFG) é onde atualmente são desenvolvidos artefatos didáticos, e se realiza todo o atendimento do Ensino a Distância (doravante EaD) da UFG. Além disso, também são produzidos alguns materiais para ensino presencial e são atendidas algumas demandas específicas da Reitoria da UFG. Atualmente, trabalhando no CIAR-UFG, e particularmente na equipe de produção audiovisual, consegui identificar alguns problemas relacionados com os alunos e sua vinculação com os materiais didáticos. Os materiais para EaD têm que ser desenvolvidos especificamente porque os alunos online/EAD lidam com um tipo de dificuldades que os estudantes do ensino presencial não tem. Algumas dessas características são: a ausência da figura física do professor, limitações temporais do cotidiano, as próprias experiências do aluno no dia a dia, a velocidade de leitura nas telas, as interações que se geram na sala virtual, as relações com seus afetos, os diversos contextos para visualizar os materiais, limitações tecnológicas, além claro, das complexidades de possuir conexão à internet nas diversas regiões do estado de Goiás ou pólos de ensino “especialmente preparados” para lidar com os ambientes virtuais. A realidade é que são muitos os fantasmas que rodeiam o EaD.

Após os materiais serem utilizados pelos alunos no percorrer do curso, poucas vezes os professores autores ou tutores dão um *feedback* à equipe do CIAR de como foi trabalhar com eles na sala de aula. Aqui é onde, após três anos de realização de material didático, percebo que não temos retorno, sugestões ou inquietações dos alunos ou professores. Acredito na qualidade e no esforço de todos para desenvolver o melhor material possível, mas o que será que os alunos têm a dizer a respeito dos artefatos

1. Mestrado em Artes e Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, na cidade de Goiânia, Goiás, Brasil.

didáticos desenvolvidos, das plataformas empregadas para acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, das situações cotidianas que atravessam e condicionam suas atividades ou dos processos de mediação empregados pelos professores?

Foi logo depois de detectar este problema, que decidi aprofundar na produção dos objetos didáticos produzidos para o curso *África em Arte-Educação: construção de objetos pedagógicos*. Este curso de especialização foi oferecido pela Faculdade de História da UFG, começou no ano de 2014 e se finalizou em 2016. O curso teve como finalidade aplicar as bases da lei 10.639 que tornava obrigatório o ensino de história do continente africano nas escolas. O projeto reafirma, não só as questões cartográficas, mas também propõe uma reflexão sobre a importância e a riqueza das culturas afro-brasileiras e africanas nas escolas focando na desmistificação de estereótipos e preconceitos. Este curso não só teve o suporte do CIAR-UFG na produção dos materiais didáticos, mas também na produção de uma identidade visual e materiais impressos (pastas, bloquinhos de anotação, *botons*, marcadores de páginas, sacolas, camisetas, etc.), 4 e-books para multiplataformas que incluem uma completa galeria de imagens e atividades dinâmicas e interativas. Finalmente, mas não menos importante, 6 mapas animados que tratam a respeito da história e culturas africanas propondo uma fase de aprendizagem e outra de atividades. Estes objetos didáticos foram desenvolvidos para serem empregados durante o curso e posteriormente aplicados dentro da sala de aula das escolas; esta foi uma das características fundamentais dos artefatos didáticos. Além disso, o curso e o CIAR-UFG disponibilizam, até hoje, todos estes materiais de maneira gratuita.

Tendo participado na íntegra da produção dos materiais didáticos anteriormente mencionados, sobretudo da produção dos mapas animados, e também considerando a possibilidade de contatos e as repercussões que o curso teve ao ser reconhecido pelo Ministério de Educação (MEC), decidi buscar formas de “dar voz” a esses alunos que participaram do curso e assim iniciar um processo de pesquisa que buscasse gerar, não só um processo de retorno para o CIAR-UFG, senão que também se configurasse como um processo pessoal, onde pudesse desenvolver reflexões e buscar elementos para melhorar minha própria trajetória como profissional ligado à educação.

## 2.2. Do macro ao micro

No que se refere à metodologia, para desenvolver a pesquisa durante o mestrado estou trabalhando com os fundamentos da pesquisa qualitativa com base na percepção, compreensão e interpretação de dados obtidos a partir das experiências dos alunos que participaram do curso. Para isso, utilizei como referente metodológico a pesquisa qualitativa: a interpretação das relações humanas a partir de um ponto de vista diferente, a contextualização e a busca de singularidades mais do que semelhanças. Nessa iniciativa, busco assim respeitar o ponto de vista dos sujeitos para conseguir apresentar múltiplas realidades.

Nesse contexto, eu me propunha realizar 6 entrevistas estruturadas com alunos que participaram e finalizaram a *Especialização em África em Arte-Educação: Construção de Objetos Pedagógicos*. Esperava que eles comentassem suas experiências cotidianas como alunos durante o curso e outras questões que considerassem relevantes e que pudessem ser apontadas ao longo de nossas interações durante a pesquisa. Os contatos dos alunos foram disponibilizados pelo CIAR-UFG, após a apresentação do projeto para a professora e coordenadora do curso Eliesse Scaramal que gentilmente cedeu os dados para a pesquisa.

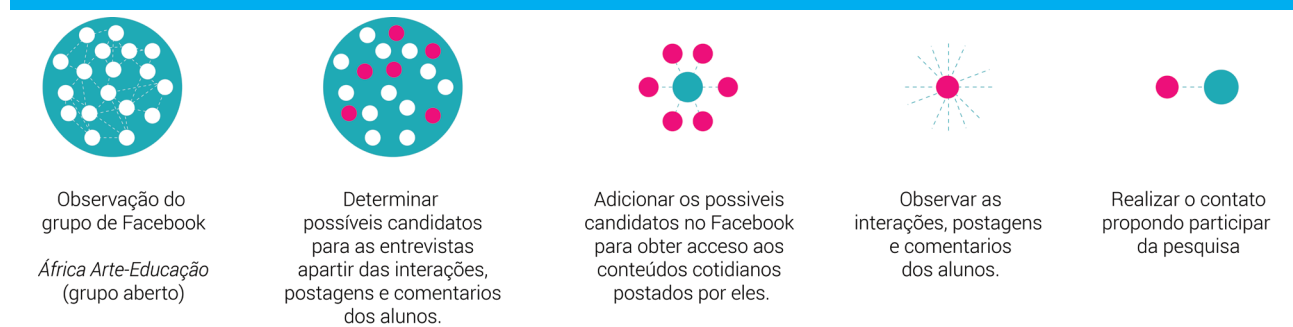
Contudo, para ajudar nessa reflexão, e provocar e direcionar esses diálogos, decidi empregar os Mapas Animados que tinham sido desenvolvidos no contexto e para a especialização, para que os alunos assistissem enquanto estivessem comigo e como um modo de interação com eles, para além de nossas conversas e demais contatos informais. Os mapas eram recursos didáticos audiovisuais, artefatos que desencadeavam ideias, lembranças e memórias. Dos 6 mapas desenvolvidos foram escolhidos somente 2 para serem visualizados durante a entrevista: o *Mapa animado 2: África Setentrional*, que trabalha questões históricas e sociais da Primavera Árabe e o *Mapa animado 6: África Ocidental*, que aborda a importância das civilizações *Yorubanas* e *Bantas* na chamada Diáspora Africana nas Américas, destacando sua influência na construção da cultura brasileira.

É importante que eles não saibam que eu formei parte da produção do material para não condicionar suas respostas. Na realização de minha investigação, que está em andamento, estou optando por registrar as falas dos alunos através de um gravador de áudio, e não por câmeras, de modo evitar constrangimento ou situações desconfortáveis. Posteriormente as informações, experiências, relatos e até questionamentos serão transcritos, analisados e contemplados para dar continuidade à busca de significações, relações e reflexões que sirvam para avaliar e ajudar na construção de futuros materiais didáticos, melhorando os processos de mediação produzidos na educação a distância no contexto da UFG.

Durante o andamento da pesquisa e ao longo de disciplinas no mestrado fui elaborando e refletindo sobre as formas possíveis e mais adequadas para realização dos primeiros contatos com meus interlocutores. Minha intenção era que essas interações pudessem ganhar um significado especial para mim e para meus sujeitos de pesquisa, e que pudessem propiciar um contexto no qual eu tivesse como obter respostas interessantes por parte de meus interlocutores, com falas, entrevistas e conversas informais que carregassem a intensidade das experiências de cada um desses sujeitos. Nessa reflexão identifiquei uma possibilidade de gerar um contexto que me permitisse selecionar os possíveis candidatos para as entrevistas, com o objetivo de gerar esse primeiro contato.

Essa primeira iniciativa de busca por meus interlocutores se definiu e desenvolveu ao mesmo tempo em que cursava uma disciplina na pós-graduação que tinha como foco o trabalho de campo em universos de interação virtual. Nessa disciplina<sup>2</sup> fomos incumbidos de observar espaços virtuais de interação social que fossem de interesse para nossa pesquisa desde o aspecto antropológico e da cultura visual. Determinei então, que o critério de seleção dos entrevistados partiria da participação e as interações dos alunos no grupo de Facebook África em Arte-Educação (grupo aberto) onde os coordenadores e professores costumavam postar materiais de leitura e deixar recados e mensagens. Após observar o grupo, adicionei alguns membros aos meus contatos para realizar uma observação particular de cada um deles para assim, finalmente, determinar se eles poderiam ser potenciais participantes das entrevistas, gerando assim o primeiro contato e possibilitando que eu os convidasse para participar da pesquisa. O gráfico abaixo explica alguns dos procedimentos que foram realizados nessa etapa da investigação:

Figura 1. Imagem da metodologia



### 2.3. Antropologia Visual e Digital

A antropologia digital evidencia como, historicamente, os meios retêm traços culturais que determinam a maneira de entender as culturas contemporâneas. Vários autores partem do pressuposto de que a interação presencial num local específico e a comunicação digital são igualmente culturais. Da mesma forma, a produção material tecnológica da internet é analisada tendo como base o conceito de cultura material, considerando como campo de análise as relações sociais dos sujeitos e seus bens (MACHADO, 2015).

Miller propõe seis princípios que, acredita, são parte das principais questões e preocupações que atendem a antropologia digital. O primeiro princípio é que o digital intensifica a natureza dialética da cultura, isso porque o termo “digital” é utilizado para tudo o que pode ser reduzido aos códigos binários. O segundo ponto, que se relaciona com como o digital, nos permite entender e expor a natureza fechada da cultura analógica, ou as falhas da vida pré-digital. O terceiro ponto refere-se ao compromisso holístico da antropologia digital, entendendo que devemos, desde uma perspectiva epistemológica, analisar de maneira conjunta tanto os sistemas sociais quanto os sujeitos em suas interdependências. Num quarto momento, o autor nos marca a importância do relativismo cultural, sob o qual cada cultura deve entender-se dentro de seus próprios termos onde não existe uma única e universal interpretação ou lógica universalista totalizante. Destacando que devemos dar “voz e visibilidade aquelas que foram jogadas as periferias por modernistas e perspectivas similares” (MILLER; HORST, 2015, p.92). O princípio número cinco, preocupa-se com a abertura e fechamento da cultura digital, baseado em políticas de uso e privacidade. O último ponto reconhece a materialidade de mundos digitais. A materialidade funciona como mecanismo por trás de nossas observações finais: “Isso diz respeito à capacidade incrível da humanidade de restabelecer-se normativamente tão rápido quanto as tecnologias digitais criam condições de mudanças” (MILLER; HORST, 2015, p.92). Com estes princípios os autores apresentam a antropologia digital como um subcampo que vai contra todas as abordagens que implicam que “torna-se digital” nos fez menos humanos. Pelo contrário, não apenas continuamos humanos dentro do mundo digital, o digital nos ajuda a compreender desde o campo antropológico, o que significa ser humano (MILLER; HORST, 2015).

### 2.4. Performances digitais, contatos e interações

Seguindo a proposta metodológica de realizar uma observação que fosse do macro ao micro, ingressei no grupo aberto de Facebook anteriormente apresentado. O grupo foi criado em setembro de 2014 pelas coordenadoras do curso, que convidaram os alunos a participar abertamente, além de pessoas de toda a comunidade, que também participaram das palestras ou atividades desenvolvidas pela FH/UFG. Na plataforma online, as coordenadoras disponibilizaram material didático e notícias referidas à temática do curso, como por exemplo, a revalorização indígena, ou palestras e reuniões para discutir as culturas afro-brasileiras e africanas. Além disso, também foram postados editais, tanto para inscrição no curso, quanto para concursos públicos de professores ou comunicados especiais da Reitoria da Universidade. Uma questão que chamou muito a minha atenção foi o fato de que o grupo aproveitou verdadeiramente o espaço para tirar dúvidas ou sugerir datas e mudanças no programa, apontando para uma diferença em relação a outros grupos abertos em que esta dinâmica geralmente não funciona,

2. Agradeço ao professor José Ribeiro pela oportunidade de refletir sobre o andamento de minha pesquisa no que diz respeito ao trabalho de campo em universos virtuais. Essa oportunidade se desenhou durante a disciplina Dinâmicas Sociais e Culturais na era Digital do Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais Universidade Federal de Goiás durante o semestre 2016/2. Esse foi um contexto no qual variadas reflexões aqui presentes se desenvolveram e que estão servindo de base para as elaborações a serem apresentadas na dissertação de mestrado sob orientação do professor Raimundo Martins.

levando o coletivo a se tornar um espaço de conversas aleatórias e distantes do foco principal e original a partir do qual tenha se formado.

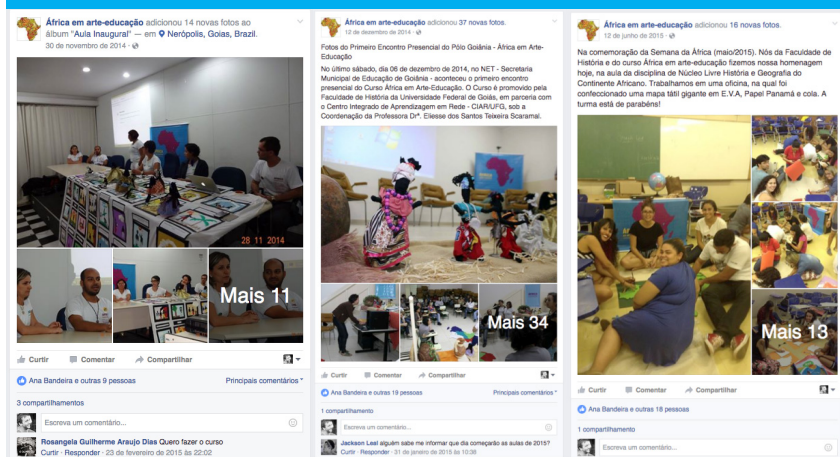
Figura 2. Postagens do grupo de Facebook. ScreenShot capturado em aparelho.



O grupo virtual estava composto por 352 pessoas onde 80% são mulheres e 20% homens. A plataforma teve publicações semanais, algumas vezes houve mais de uma publicação no mesmo dia. Durante um período de 2 anos o grupo só ficou sem postagens durante as férias. O grupo não ficou isolado dos acontecimentos políticos e sociais que aconteciam em Goiânia: uma das coordenadoras fez menção à luta dos professores contra a privatização das escolas; foram discutidos também no grupo os acontecimentos políticos relacionados à ex-presidente Dilma Rousseff, além de outras questões políticas de cunho regional e nacional. Essa interações e outras postagens no contexto do grupo demonstram como o digital é uma expansão das discussões dos espaços físicos do cotidiano (MILLER; HORST, 2015) que ao mesmo tempo que se rege por outras lógicas de interação, também reflete e reinterpreta a dinâmicas sociais de contextos sociais *off-line*. Essas interações nos fazem refletir sobre como e porque as redes sociais permitem esta interação com o espaço físico cotidiano e de como muitas vezes a sala de aula presencial fica isolada de tudo o que acontece fora dela.

Algo notado ao longo de minhas observações preliminares era o fato de que as imagens acabavam recebendo mais destaque na plataforma. As coordenadoras disponibilizavam fotos referentes aos encontros presenciais, palestras e ateliês de produção de material. As fotos eram as que recebiam o maior número de interações, tanto quanto comentários positivos. Nesse ponto de campo, eu me perguntava: os participantes gostavam de se verem desenvolvendo essas atividades ou era porque gostavam do fato de poder compartilhar e mostrar para a comunidade que eram parte de algo? Eles se reconheciam nas fotos ou simplesmente preferiam a aceitação do público que visualiza essas imagens? A relação com as imagens, artefatos culturais, forma parte da construção do sujeito humano. Os artefatos permitem-lhe gerar uma ordem, vínculos e socializar com outros indivíduos (MILLER; HORST, 2015). As imagens despertavam interesse das pessoas que não costumam se relacionar muito com o grupo ou que não participavam do curso. Assim, nesse dinâmica, apareciam pessoas que, curiosas, queriam fazer parte do grupo. Era o caso de Rosângela, que comentou em uma situação dada que e numa das sessões do álbum fotográfico que “queria fazer o curso”.

Figura 3. Fotografias dos encontros presenciais. Postagens do grupo de Facebook.



Tendo participado da produção do material didático, posso apontar que uma das particularidades gráficas do curso, é a utilização das tramas e cores para quebrar os estereótipos convencionais que costumam ser empregados para representar visualmente as culturas e o continente africano. Pude observar nessas primeiras interações o quão atraente a galeria de fotografias

e imagens do grupo se tornavam. Tanto as coordenadoras, quanto os alunos personalizavam o espaço virtual para que ficasse agradável, se singularizasse e ao mesmo tempo, se tornasse mais colaborativo.

Figura 4. Estética do espaço virtual. Capturas do Facebook.



Os mapas animados, como parte do material didático do curso, também tiveram destaque dentro das publicações. Os administradores compartilhavam *Links* de acesso que redirecionavam os participantes para o canal do *Youtube* da coordenadora do curso, momento no qual ocorriam então várias interações, em diferentes espaços. Houve comentários positivos, e em geral, os mapas animados tiveram uma boa aceitação.

Figura 5. Mapas animados. Captura da postagem do Facebook.



Figura 6. Mapas animados. Captura do canal de Youtube da especialização.



Considerando as postagens e comentários é importante destacar a maneira que as coordenadoras, professores e tutores se expressavam. Descontraídos, por se encontrarem fora do espaço acadêmico presencial ou do ambiente virtual de aprendizagem, utilizavam expressões coloquiais na escrita, como “saída do forno”, dentre outras. Segundo Miller e Horst, “quanto mais efetiva a tecnologia digital, mais tendemos a perder a consciência do digital como um processo material e mecânico” (2015, p.06, apud Kirschenbaum, 2008, p.135). No final de contas, eles não estavam utilizando uma conta ou *login* oficial da universidade dentro do Facebook. Eles estavam cadastrados com nome, sobrenome ou até apelidos, em contas particulares que utilizam diariamente para navegar na rede social. Portanto, conseqüentemente, o cotidiano da rede os atravessava, deixando de lado o formalismo e a linguagem acadêmica, mas voltando sempre na hora dos avisos importantes com o clássico “Car@s alun@s...”.

Em geral, podemos dizer que o grupo se manifesta sobre ideais comuns, em favor da educação, dos direitos das populações marginalizadas, principalmente negros, indígenas e pessoas que possuem descendência afro-brasileira e africana. A partir das postagens podemos perceber que eles trabalhavam com material e publicações fundamentadas em documentos, artigos e artefatos, tanto acadêmicos, quanto políticos, no momento das discussões sociais. Possivelmente porque, de maneira geral, todos os participantes possuem ensino superior em história, o que exige remeter sempre às fontes, sobretudo quando trabalhamos com fatos sociais e políticos que podem atentar de uma maneira ou outra contra as liberdades particulares ou com os princípios dos direitos a educação.

Durante este processo de pesquisa, a coordenadora do curso disponibilizou a lista com o contato dos alunos que participaram da especialização. Como o grupo de Facebook era aberto, toda a comunidade podia participar, portanto, tive que observar as interações produzidas pelos participantes ao mesmo tempo em que corroborava se aquela pessoa pertencia à turma de formados da especialização. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, só empreguei o primeiro nome deles para referenciá-los. No caso, pela quantidade de vezes que participaram e interagiram com os materiais e as atividades propostas no grupo, pré-seleccionei os seguintes participantes: Arioval, Jackson, Luciane, Gilmeire, Patrícia e Thayze. Posteriormente adicionei-os como novos contatos através do meu Facebook pessoal esperando que eles aceitem meu convite.

Alguns deles aceitaram pouco tempo depois, outros em contrapartida, demoraram até uma semana. Observei as postagens que eles colocavam na rede social durante uma semana, e percebi que em muitos dos casos, as reclamações sociais ou interesses gerais do grupo, se manifestavam de maneira individual. **Luciene**, por exemplo, é pedagoga e professora na prefeitura de Nerópolis e ela não se envolveu de maneira virtual com os movimentos sócio-políticos de protesto vivenciados pela chamada lei “PEC 241/55” de 2016. Por outro lado, Luciene é uma pessoa que demonstra grande interesse pelas questões que dizem respeito à diáspora e ao continente africanos, já que muitas das suas interações no espaço virtual têm a ver com esta temática. **Jackson**, ao contrário de Luciene, encontrava-se a favor das ocupações das escolas e universidades como forma de protesto, e grande parte dos seus compartilhamentos no espaço virtual foram críticas às políticas e líderes do estado. Formado em Artes Cênicas, tem aparentava ter muita consideração pelas raízes africanas que compõem a cultura brasileira e sobre o papel e a presença da diversidade sugerida pelas populações marginalizadas no contexto social do país. No caso de **Arioval**, pude notar que ele não costumava realizar postagens ou interagir diretamente com a rede social. As poucas postagens realizadas nas semanas de observação foram retratos de momentos com familiares e amigos. Numa visão mais inicial Arioval não explicita seus interesses nem sobre assuntos sociais, nem sobre séries, músicas, leitura ou que se focassem em outros *hobbies* ocasionais. Thayze, Gilmeire e Patrícia ainda não retornaram minha solicitação durante o presente etapa da pesquisa, dificultando a avaliação das relações cotidianas que elas mantêm no espaço virtual.

Os participantes possuem como característica principal o envolvimento com a história e as culturas afro-brasileiras e africanas. Em maior ou menor intensidade eles também se envolvem com as problemáticas sociais a partir de postagens críticas e que tomam posição na atual situação política do Brasil. É difícil analisar as posições (política, social, religiosa, dentre outras) de alguém representado por um *avatar*. Ao observar o comportamento do ambiente virtual do Facebook me pergunto: De que maneira o posicionamento diante de uma determinada discussão ou temática na rede social se reflete e se expressa no espaço do cotidiano? Nesse contexto, considero pertinente citar Miller e Horst que afirmam que “a característica mais surpreendente da cultura digital não é a velocidade da inovação técnica, mas a velocidade com que a sociedade toma essas coisas por garantidas e cria condições normativas para seus usos” (2015, p. 10).

Após uma semana de observação de cada um dos selecionados, encaminhei a seguinte mensagem para cada um dos participantes que aceitaram o meu convite na rede social:

*Olá boa tarde (Nome do participante)! Sou Nicolas, te adicionei aos meus contatos do Facebook porque estou realizando um mestrado em Artes e Cultura Visual na UFG e me encontro trabalhando com o curso de Especialização África em Arte Educação que finalizou no começo deste ano. Queria saber se você, como ex-aluno do curso, gostaria de participar de uma entrevista de caráter anônima onde serão discutidas questões referentes ao material didático e ao sistema de educação a distância da UFG. As entrevistas serão curtas, acontecerão no mês de março e abril do próximo ano. As mesmas não serão filmadas e acontecerão em qualquer local, podendo ser na faculdade, numa lanchonete ou até na sua própria casa. Também agradeceria se você tivesse algum companheiro ou colega que participou do curso e queira fazer parte da pesquisa. Agradeço muito pelo seu tempo!*

Jackson, Luciane e Arioval se prestaram interessados e disponíveis para realizar as entrevistas. Eles fizeram perguntas sobre mim, e acredito que, num momento ou outro, fizeram uma observação do meu perfil na rede social da mesma maneira que eu fiz com os eles.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse processo de observação pode parecer superficial, e pessoalmente, por momentos, também penso isso pelo fato de não pertencer à área da antropologia, e principalmente, à antropologia digital. Desde a perspectiva da cultura visual, a utilização das imagens para demarcar temáticas, interesses e pensamentos se configura em uma ferramenta para determinar comportamentos generalizados que consegui identificar nos participantes em minhas primeiras observações no contexto deste grupo virtual. Esta aproximação inicial no âmbito de minhas investigação conseguiu não só atingir seu objetivo ao me conectar e por em relação com os sujeitos que formarão parte das entrevistas do pesquisa de mestrado e ao mesmo tempo possibilitou que eu pudesse começar a compreender como os participantes se relacionam no espaço virtual.

Considero que, tanto a realidade digital criada por meio das mídias sociais, quanto as imagens no contexto da cultura visual, dizem mais sobre nós do que nós mesmos. E isso pode acontecer porque as mídias digitais encontram-se repletas de milhares de imagens que ampliam nossa habilidade de avaliar, descrever e vivenciar, de maneira tangível, aquilo que observamos. Criamos narrativas e caminhos que são delimitados pela potência das imagens, que como a mídia digital, é infinita. Dessa maneira, quanto mais efetiva é a tecnologia digital, mais possibilidades temos de perder a consciência do digital e assimilar aquilo como material e mecânico (MILLER; HORST, 2015).

A respeito dos participantes pré-selecionados, acredito que pelas interações, participações e temáticas nas quais eles participavam e com as quais tive contato na minha observação do grupo, que as entrevistas que serão realizadas vão se constituir em material decisivo e bastante interessante e como base principal para minha pesquisa, sobretudo pela diversidade de áreas do conhecimento das quais meus interlocutores fazem parte, ao se constituírem por artistas, educadores, historiadores e sociólogos. Pude notar nessa incursão preliminar ao campo que em um ponto todos eles concordam: é aparente e visível ali a necessidade de valorizar e construir um ensino baseado nas raízes, nas culturas e na história do continente africano. Enquanto àqueles que ainda não responderam ao meu contato, ficarei no aguardo por um retorno, ou caso contrário, convocarei a outros participantes.

Por último, destaco a importância da construção de um diário de campo não só para estudos antropológicos, senão para qualquer tipo de pesquisa. Desta maneira podemos observar, analisar e avaliar os passos percorridos dentro da pesquisa. Isto nos demarca um percurso para não perder o foco na escrita e na própria investigação.

### BIBLIOGRAFIA

- ATKINSON, P. HAMMERSLEY, M. Etnografía. Métodos de investigación. Barcelona: Paidós Básica, 1994
- DEWEY, J. El arte como experiência. México: F.C.E., 1934.
- MACHADO, Monica. Webcam no contexto da antropologia digital. Comun. Mídia consumo, São Paulo, 2015, p. 146-150
- MIRANDA, F. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). Processos & práticas de pesquisa em cultura visual & educação. 1ed. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2013, v., p. 7-95.
- MARTINS, P. E. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. Revista Critica de Ciências Sociais, (online) 73, 2005, [www.rccs.revues.org/954](http://www.rccs.revues.org/954)
- NASCIMENTO, E. A. A pesquisa em artes e a perspectiva da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). Processos & práticas de pesquisa em cultura visual & educação. 1ed. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2013, v., p. 237-250.
- VICTORIO FILHO, Aldo; CORREIA, Marcos B. F. Ponderações sobre aspectos metodológicos da investigação na cultura visual: seria possível metodologizar o enfrentamento elucidativo das imagens? In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Processos & práticas de pesquisa em cultura visual & educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 49-60.